



OS ALAMBORES SIMBÓLICOS DE ALCobaça, TOMAR E Mafra

PAULO MARTINS OLIVEIRA

Historicamente os templos cristãos são fortalezas em diversas acepções, sendo que em Portugal, e face às incertezas da Reconquista, as primeiras igrejas integravam até os próprios sistemas defensivos regionais.

Com a definição do território nacional e respectiva consolidação do Cristianismo, os templos evoluíram para baluartes alegóricos da Fé, impondo-se e resistindo às onnipresentes tentações da circundante “Cidade dos Homens”.

Em Tomar, o Convento de Cristo é paradigmático desse processo, pois a antiga Charola fortificada dos Templários transformou-se num reduto espiritual e simbólico com a nave mandada acrescentar por D. Manuel. Nesta, a face poente é coroada por merlões artísticos, apresentando também ao topo, vigilantes e hierarquizados, elementos das milícias angélicas à dextra ($\approx$ Vida Contemplativa) e terrenas à sinistra ($\approx$ Vida Activa).



Convento de Cristo: milícias terrenas em primeiro plano, e celestiais ao fundo (foto:PMO).

Pouco depois o esquema seria adaptado na grande fachada meridional dos Jerónimos (Sta. Maria de Belém), agora numa lógica vertical que relaciona o Anjo Custódio ao topo ($\approx$ dextra) com o também polissémico cruzado terreno em baixo ($\approx$ sinistra).

Mosteiro dos Jerónimos, face meridional (foto:PMO).



Ainda mais sintética (mas sem perder eficácia alegórica) é a intervenção Setecentista na ancestral Abadia de Alcobaça, em cujo lado setentrional reina ao cimo a figura fundacional de D. Afonso Henriques – um *Pater Patriae* ($\approx$ Deus Pai ao topo da Custódia de Belém)¹, que é também um soldado atento sobre uma “muralha”.

Na base os contrafortes sugerem um alambor, ou seja uma estrutura construtiva oblíqua que mimetiza as encostas naturais, dificultando a qualquer invasor a aproximação e escalada.



Abadia de Alcobaça, face setentrional (fotos:PMO).





Convento de Cristo, fortificação templária exterior e interior (alambor em primeiro plano).
(fotos: PMO)



Face setentrional do mesmo Convento; contraforte evocando um alambor que dá continuidade “amuralhada” ao perímetro original templário.
(foto: PMO)

Por sua vez, não menos originais são, no Real Edifício de Mafra, os “alambores” lusos combinados com os “fossos” austríacos na base dos torreões que alegorizam o casal régio (Bragança-Habsburgo), sinalizando-o como o grande defensor da basílica central, i.e. a própria Igreja Católica enquanto Fé e Instituição.

Real Edifício de Mafra, torreão meridional (foto: PMO).



Em suma, estes recursos à engenharia militar para dar densidade semântica às edificações confirmam a grande versatilidade dos grandes mestres do passado, sempre baseados no princípio da polissemia.

Nota 1 (p.2)



Deus-Pai na Custódia de Belém (foto:PMO).

Estátua de D. Afonso Henriques na face setentrional da Abadia de Alcobaça (foto: [wikimedia.org/Karstenkascals](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Est%C3%A1tua_de_D._Afonso_Henriques_na_face_setentrional_da_Abadia_de_Alcoba%C3%A7a.jpg)).